PERSPECTIVA
REVISTA DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Volume 38, n. 3 – p. 01 – 20, jul./set. 2020 – Florianópolis

ISSNe 2175-795X

As imagens do professor na rede social "facebook": contradições e relações com a precarização

Vanessa Terra Pereira
José Euzébio de Oliveira Souza Aragão
Akauan Arrais Vieira

Resumo

A estruturação capitalista das últimas décadas, marcada pela globalização da economia, das mudanças políticas, e do modelo neoliberal desencadearam uma reestruturação produtiva, em todos os setores da economia, produzindo reflexos no mundo do trabalho. Na educação, essas mudanças afetaram significativamente o trabalho do professor. A cada dia esse profissional é exposto a difíceis situações em seu trabalho, e a internet tem sido muitas vezes, o canal para mostrar o descontentamento com a profissão e o prestígio abalado. O objetivo do presente trabalho é analisar como a imagem docente é retratada no ambiente virtual, especificamente, no *facebook*, identificando, principalmente, imagens que denotam aspectos de precarização da profissão. Para análise das imagens buscou-se respaldo no conceito do imaginário coletivo. A metodologia seguiu a abordagem qualitativa, o tipo de pesquisa caracterizou-se como uma pesquisa netnográfica e teve como tratamento da informação a análise do conteúdo. A pesquisa foi realizada na *fanpage* "Profissão Professor", sua observação e acompanhamento foram realizados entre os anos de 2012-2017. Na coleta foram localizadas 88 imagens que apresentavam aspectos que denotavam particularidades de precarização. Através da análise percebeu-se que os aspectos comumente presentes nas imagens envolvem o desrespeito e desvalorização pela profissão, a saúde do professor, a remuneração e as condições de trabalho. Concluiu-se que as imagens traduzem a desvalorização e exaltam as precárias condições de trabalho. A reprodução dessas imagens no imaginário coletivo pode servir para que se perpetue a imagem estigmatizada da profissão ou produzir elementos de luta. A profissão clama por um sentido de valorização.

Palavras-chave: Condições do Trabalho Docente. Precarização do trabalho docente. Imagens do professor nas redes sociais.

Vanessa Terra Pereira
Universidade Estadual Paulista, UNESP
E-*mail*: vantpereira@gmail.com
http://orcid.org/0000-0002-3543-4533

José Euzébio de Oliveira Souza Aragão
Universidade Estadual Paulista, UNESP
E-*mail*: jose.aragao@unesp.br
https://orcid.org/0000-0003-3284-0189

Akauan Arrais Vieira
Universidade Estadual Paulista, UNESP
E-*mail*: akarrais@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0001-7434-0241

Recebido em: 11/04/2019
Aprovado em: 27/04/2020

CC BY

http://www.perspectiva.ufsc.br
http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2020.e63107

Abstract

The images of the teacher in the social network "facebook": contradictions and relations with precarisation

The capitalist structure of the last decades, marked by the globalization of the economy, political changes, and the neoliberal model, triggered a productive restructuring in all economy sectors, producing reflections in the world of work. In education, these changes have significantly affected the teacher’s work. Each day this professional is exposed to difficult situations in their work, and the internet has often been the channel to show discontent with the profession and the shaken prestige. The objective of this work is to analyze how the teaching image is portrayed in the virtual environment, specifically in facebook, identifying, mainly, images that denote aspects of precariousness of the profession. For analysis of the images we sought support in the concept of the collective imaginary. The methodology followed the qualitative approach, the type of research was characterized as a netnographic research and had as information treatment content analysis. The research was carried out in the fanpage "Profissão Professor", its observation and monitoring were carried out between the years of 2012-2017. In the collection were located 88 images that presented aspects that denoted features of precarization. Through the analysis it was noticed that the aspects commonly present in the images involve the disrespect and devaluation by the profession, the health of the teacher, the remuneration and the working conditions. It was concluded that the images reflect the devaluation and exalt the precarious working conditions. The reproduction of these images in the collective imagination can serve to perpetuate the stigmatized image of the profession or produce elements of struggle. The profession calls for a sense of appreciation.

Keywords:
Teaching work. Precarization of teaching work. Images of the teacher in social networks.

Resumen

Las imágenes del profesor en la red social "facebook": contradiciones y relaciones con la precarización

La estructuración capitalista de las últimas décadas, marcada por la globalización de la economía, los cambios políticos y el modelo neoliberal han desencadenado una reestructuración productiva en todos los sectores de la economía, produciendo repercusiones en el mundo del trabajo. En la educación, estos cambios afectaron significativamente el trabajo del maestro. Cada día este profesional está expuesto a situaciones difíciles en su trabajo, y internet ha sido a menudo el canal para mostrar descontento con la profesión y el prestigio sacudido. El objetivo de este trabajo es analizar cómo se retrata la imagen docente en el entorno virtual, concretamente, en facebook, identificando, principalmente, imágenes que denotan aspectos de precariedad de la profesión. Para el análisis de las imágenes, buscamos apoyar el concepto del imaginario colectivo. La metodología siguió el enfoque cualitativo, el tipo de investigación se caracterizó como una investigación netográfica y tuvo como tratamiento de la información el análisis de contenido. La investigación se llevó a cabo en la fanpage "Profession Professor", su observación y seguimiento se llevaron a cabo entre los años 2012-2017. En la colección se localizaron 88 imágenes que presentaban aspectos que denotaban particularidades de precariedad. A través del análisis se observó que los aspectos comúnmente presentes en las imágenes implican falta de respeto y devaluación por parte de la profesión, la salud del profesorado, la remuneración y las condiciones de trabajo. Se llegó a la conclusión de que las imágenes traducen la devaluación y exaltan las precarias condiciones de trabajo. La reproducción de estas imágenes en el imaginario colectivo puede servir para perpetuar la imagen estigmatizada de la profesión o producir elementos de lucha. La profesión exige un sentido de aprecio.

Palabras claves:
Condiciones de Trabajo Docente. Precariedad de la labor docente. Imágenes del profesor en las redes sociales.

Introdução

Este artigo é resultado da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), e versa sobre as imagens do professor na rede social "*facebook*", suas contradições e relações com a precarização.

A ideia de pesquisar sobre a precarização do trabalho do professor ocorreu a partir da observação de imagens publicadas constantemente em *fanpages* do *facebook*. As condições de precariedade nas relações de trabalho, reflexo do processo de precarização do trabalho, aparecem em grande parte das imagens sobre a profissão do professor.

Para a compreensão do fenômeno da precarização do trabalho é necessário entender que a partir da década de 1980 houve uma grande mudança no mundo do trabalho, que de acordo com Antunes (2000) foi um período marcado pela reestruturação dos processos produtivos, do grande salto tecnológico, da automação, da robótica e da microeletrônica que invadiram o universo fabril, inserindo-se e desenvolvendo-se nas relações de trabalho e de (re) produção do capital.

A reestruturação dos processos produtivos teve início na segunda metade do século XX, caracterizada pela crise do sistema taylorista/fordista de produção. Nesse sistema, o trabalhador era preparado ou especializado a executar uma única função, realizando apenas uma parte do todo, e a produção era em série e pouco variada. Esse modelo predominou até o início dos anos 1980, sendo substituído pelo modelo Toyota ou modelo de produção japonês, que segundo Barbara (1999), produziu uma inversão das regras de produção. O sistema Toyota tinha como objetivo a racionalização do trabalho, exigindo trabalhadores polivalentes e capazes de executar várias atividades ao mesmo tempo. Algumas concepções foram alteradas pela nova forma de organização estrutural e organizacional, gerando consequências negativas para os trabalhadores, como por exemplo, a intensificação do volume de trabalho e a diminuição dos postos de trabalho.

Essas mudanças provocaram mutações no mundo do trabalho que afetaram a totalidade da produção, incluindo, desde novas formas de organização e processo de trabalho, até novas formas de contratação da força de trabalho.

Machado (2007) afirma que o mundo da educação e da escola, também sofreram as mesmas contradições e contingências do mundo do trabalho, não transcorrendo à margem desse processo intenso de mudanças.

Nesse contexto, é que se identifica um processo de desqualificação e desvalorização sofrido pelos professores, expostos a difíceis situações no seu dia a dia. Isso passa pelo desinteresse dos alunos pelos estudos, falta de respeito, aumento dos casos de indisciplina, violência e atos infracionais, e as questões que

envolvem sua forma de trabalhar, desde os baixos salários, as más condições de trabalho e a sobrecarga que geram angústia, insatisfação, medo, desestimulando-os ao exercício da profissão (OLIVEIRA, 2004).

A internet tem sido, muitas vezes, o canal para mostrar o descontentamento com a profissão, a precariedade das condições e o prestígio abalado. Há tempos essa imagem tem sido postada, curtida, compartilhada e comentada nas *fanpages* das redes sociais, porque as redes sociais fazem, cada vez mais, parte da vida das pessoas.

Diante disso, o objetivo desse artigo é analisar como a imagem docente é retratada no ambiente virtual, especificamente, no *facebook*, identificando, principalmente, imagens que denotam aspectos de Precarização da profissão.

2 Representação da imagem social do professor

A imagem do professor tem se apresentado de forma recorrente em pesquisas acadêmicas e nos meios de comunicação. No ambiente virtual pode representar aspectos positivos, tais como: remete ao ato de educar, ao de ser responsável pelas mudanças na sociedade, de transformador e provocador de mudanças na vida dos alunos, mas, também, com sentimentos opostos, e esses muitas vezes são representados com o fracasso, tirania, desconfiança e desvalorização na profissão.

É importante salientar que através da observação de imagens os indivíduos exteriorizam seus sentimentos e interpretam a realidade com o olhar da experiência e de acordo com o momento. Assim, o significado atribuído a uma imagem hoje, pode ser diferente se observado daqui algum tempo, isso pode acontecer devido ao momento, ao contexto e ao próprio aprimoramento do conhecimento particular de cada indivíduo.

A forma de analisar ou entender as imagens e os seus significados é inerente de cada pessoa. Isso ocorre em função da subjetividade de cada um, também do contexto em que essas imagens estão inseridas, do conhecimento individual do receptor e das experiências que essas pessoas vivem ou vivenciaram. Portanto, a análise de imagens é algo subjetivo, é particular e singular e para entender o que elas produzem nas pessoas, buscou-se respaldo no “imaginário coletivo” para dar sentido à análise das imagens.

O imaginário de acordo com Hoeller (2002) apresenta significados distintos para cada pessoa, e dependendo do contexto que se inserem, podem ser entendidos sob diferentes pontos de vista. O imaginário influencia as representações simbólicas, construídas pelo/no espaço social, que se fazem presentes e influenciam a forma de pensar e agir dos sujeitos.

Portanto, é importante salientar que quando as pessoas se apropriam de uma mensagem (escrita, falada, por imagem etc.) a forma como se representa e compreende é carregada de significados próprios e pela construção de sentidos e significações.

Gomes (2012, p. 14) considera que "a mídia tem um papel central na sociedade, por ser um espaço de visibilidade e problematização da vida contemporânea; ela traz valores, referências, hábitos, rotinas da vida em sociedade", ela ainda é responsável, em boa parte, pela formação de identidades e de memórias de mundo das sociedades.

A mídia tem se apresentado ao longo dos tempos como grande influenciadora de opiniões, gostos e padronização de comportamento. Para Citelli (2012, p. 11) "o discurso mediático elabora um ponto de vista padronizador da imagem docente, que ao mesmo tempo sintetiza temas e figuras e os coloca em circulação social através de diferentes veículos", formando uma representação social. Por representação, Moscovici (2008) considera que as representações sociais são constituídas de conceitos, afirmações e explicações que interpretam e constroem as realidades sociais. Essas teorias de senso comum são formadas a partir de informações e julgamentos valorativos provenientes das experiências interpessoais.

Nesse sentido, Citelli (2012) explica que, ao ver, ouvir, ler acerca dos educadores, encontra-se moldes discursivos que promovem, quase sempre, o estereótipo, o modelo, o professor, e que ganha na mídia, contornos discursivos modeladores, cuja difusão pública registra vasta genealogia, indo da caricatura, passando pela constatação do desprestígio.

Díaz (2010) explica que há diferentes exemplos de comportamentos regidos por diferentes imaginários sociais, a partir do qual os valores ocorrem, ou seja, as apreciações, gostos, ideais e comportamentos dos indivíduos são determinados por sua cultura.

Diante disso, percebe-se que os valores construídos sobre a educação e a imagem do professor estão relacionados ao que é vivenciado e ao que as pessoas se acostumaram a ver e ouvir sobre essa realidade.

3 Precarização do trabalho do professor

De acordo com Alves (2007) desde o século XVI o capitalismo moderno tem ampliado as condições de precariedade social de homens e mulheres que expulsos da propriedade (ou posse) da terra, perdem seus meios de produção, sendo obrigados, para sobreviver, a vender sua força de trabalho, tornando-se proletários.

Em seu desenvolvimento, o capital tornou-se agente da racionalização do mundo, e estabeleceu por um lado, a constituição do processo de precarização como forma e desenvolvimento civilizatório, e por outro lado, a instauração da precariedade social como "condição humana". (ALVES, 2007).

Alves (2007) considera a precariedade como uma condição, já a precarização é um processo que possui uma irremediável dimensão histórica determinada pela luta de classes e pela correlação de forças políticas entre capital e trabalho.

Segundo Silva (2016) a intensificação do trabalho e a precarização são duas faces da mesma moeda, tendo entrelaçados aspectos sócio institucionais macro (Estado, Capital, Instituições) e os psicodinâmicos

micro (Sujeitos e Subjetividade). Embora, acredite-se que a precarização esteja relacionada a questões como falta de estrutura, condições inadequadas, baixos salários, excesso de alunos por sala, etc., o autor salienta que o problema da precarização do trabalho e do social é muito mais amplo, e está associado à perda de direitos sociais e de trabalho, ou da condição de Estado de Bem-Estar Social.

A precarização de acordo com Alves (2007), possui um sentido de perda de direitos acumulados, ela atinge os proletários sujeitos de direitos e que hoje são vítimas da “flexibilização do trabalho”, sendo usurpados pelo poder das coisas ou pelas leis de mercado.

Para Druck (2011, p. 37) “[...] a precarização social do trabalho é um novo e um velho fenômeno, por que é diferente e igual, por que é passado e presente e por que é um fenômeno de caráter macro e microssocial”.

Segundo Silva (2016), as políticas educacionais, cobranças e reorganizações em nome da promoção da qualidade (mas que na verdade visam à redução de custos), tanto no ensino superior, quanto na educação básica, são reflexos de um processo histórico de crise do capitalismo e desestabilização dos modos de vida e ausência de vínculos, que acarretam em ausência de estruturas portadoras de sentido, dificultando um projeto de integração.

Para Abonizio (2012) com o processo de universalização do ensino, o profissional da educação tem sido cobrado em suas capacidades cognitivas e mentais, entretanto, as condições de trabalho que o professor está inserido não têm colaborado para seu êxito na profissão.

Sobre a precarização na educação, Lobo (2008) considera que ela se manifesta na forma de contratação flexível, e nas condições que esses profissionais são submetidos. Os profissionais temporários ganham menos que os efetivos, tem jornada superior, e sofrem constantemente com atrasos nos salários.

O ensino superior também tem promovido situações de precarização no interior de instituições públicas e privadas, e segundo Elias (2014) em especial, no ensino superior privado, o professor convive com o risco a cada semestre de ser dispensado, e também sofre pela falta de autonomia e de reconhecimento profissional. As consequências dessas condições de trabalho geralmente são o adoecimento físico e principalmente mental.

Silva Júnior e Sguissardi (2000) expõem que, a reconfiguração da educação superior brasileira é parte de um processo de reformas. A reforma do Estado introduz na educação superior a racionalidade gerencial capitalista e privada, modificando a natureza das instituições universitárias, que tendem a responder prioritariamente às demandas do mercado, com prejuízos evidentes para sua natureza e identidade tradicionais.

O ensino superior atende à lógica mercantil tendo a função de sustentar o mercado e nutri-lo de mão de obra especializada. Nesse contexto, “um dos elementos primordiais para a desilusão profissional do

docente está na impossibilidade de identificação com sua atividade dada a desvalorização cotidiana vivenciada por eles." (ELIAS, 2014, p. 157).

Pereira e Aragão (2015) discutiram a precarização do trabalho do professor no ensino superior e suas consequências, a partir de uma análise bibliográfica. Dentre as principais ocorrências apontadas nos trabalhos estavam a contratação temporária como nova modalidade de trabalho; a educação à distância (EAD) através da fragmentação do trabalho do professor, que não consegue acompanhar o desenvolvimento do aluno de forma integral; e a mercantilização da educação superior e as exigências de produtivismo acadêmico que interferem diretamente no trabalho e saúde do docente.

Na educação infantil, segundo Vieira e Oliveira (2013) a realidade profissional dos docentes é marcada pela atribuição de obrigações que não possuem respaldo nas condições de realização fornecidas pelo poder público. A falta de condições provoca situações de estresse, mal-estar, adoecimento e insatisfação laboral.

Um dos elementos mais preocupantes do processo de precarização foi descrito por Pavani e Backsei (2016) e se refere à proletarização do trabalhador, caracterizado pela dificuldade ou impossibilidade do professor refletir sobre sua própria prática, o que o torna refém do controle externo, diminuindo progressivamente sua capacidade de autonomia e resistência.

A nova forma de organização dos processos produtivos redefiniu o modelo de contrato social, no qual o trabalhador concordava em abrir mão do controle sobre a sua força de trabalho em troca de um emprego estável em uma mesma empresa. O desenvolvimento da estruturação do processo produtivo, o modelo Toyota, criou novos arranjos produtivos que privilegiaram uma série de práticas de gestão, e também a exigência de trabalhadores polivalentes. A partir desse momento se intensifica as novas formas de contratação e também de exploração da força de trabalho. O trabalhador leva o trabalho para casa e convive com o peso constante dos processos de avaliação e pelo cumprimento de metas. Nesse sentido, separa-se do seu lado pessoal, do convívio familiar e do lazer para cumprir prazos impostos, ocasionado problemas de desgaste físico e emocional.

4 Aspectos Metodológicos

A metodologia da pesquisa foi baseada em uma abordagem qualitativa e pesquisa netnográfica. A pesquisa teve, ainda, como tratamento da informação a análise do conteúdo, que segundo Bardin (1988, p. 31) "[...] é um conjunto de técnicas de análise das comunicações". Esse tipo de análise é utilizado a fim de serem estudados estereótipos sociais partilhados pelos membros de um grupo, relativos a certas profissões, países ou nome.

Na pré-análise foi realizada a organização e sistematização das ideias, através da escolha das imagens a partir dos objetivos propostos na pesquisa. Nessa etapa foram descartadas as imagens que não

apresentavam características de precarização. Posteriormente, foi realizada a exploração do material, que consistiu em transformar os dados, codificando-os para melhor compreensão, e envolveu a contagem dos termos que eram mais repetidos nas 88 imagens sobre precarização.

Cada imagem foi analisada separadamente, em primeiro lugar foram retiradas as palavras-chave e posteriormente foi realizada uma interpretação, para, em seguida, proceder à categorização. As imagens expressam e carregam significados, e esses são reconhecidos pelos grupos sociais, em relação à desvalorização e desrespeito. Algumas imagens chamam a atenção dos leitores para o enfrentamento que os professores sofrem quando são desrespeitados pelos alunos, tendo que conviver com a falta de motivação, cobranças, a perda de prestígio social, etc. Como exemplo, são apresentadas algumas imagens que dizem respeito a essas situações.

Figura 2 – Desvalorização e desrespeito pela profissão

Fonte: PEREIRA, 2017, p. 109.

A questão salarial é um dos grandes desafios da profissão e apesar dos reajustes e da fixação de um piso salarial, em comparação a outras profissões, o salário de um professor não é compatível se comparado a outras profissões. As imagens que trouxeram essa temática envolvem questionamentos, comparações e indignação pela depreciação da profissão em termos salariais.

As imagens, muitas vezes, são ambíguas e contraditórias, apresentam clamor e queixas por reconhecimento, denunciam más condições de trabalho e suplicam por melhores, expõem as relações entre professor/aluno e aluno/professor, apresentam sentimentos de prazer e sofrimento.

Sobre a precarização, apresentam a identidade do professor de forma deteriorada, as condições de trabalho, o desgaste e degradação da saúde, as cobranças e culpabilização em relação ao desempenho dos alunos, enfim elas expressam dilemas e conflitos da profissão.

Através da primeira etapa da análise, realizada pela contagem de termos representativos do trabalho do professor, foi possível notar aspectos citados na literatura sobre a precarização das condições de trabalho a que esses profissionais são expostos.

Após a codificação de todo o material, procedeu-se a categorização. A categoria é um tema geral que envolve todos os códigos pertinentes a ela. Lima (2010) explica que categorizar é agrupar entidades (objetos, ideias, ações etc.) por semelhança, e que desde a época de Aristóteles, já havia a preocupação com

as práticas de nomear, definir e categorizar. Dessa maneira, estabeleceram-se as seguintes categorias para a análise: Desrespeito e desvalorização pela profissão; Saúde do professor; Remuneração, e Condições de trabalho.

4.1 A fanpage "Profissão Professor"

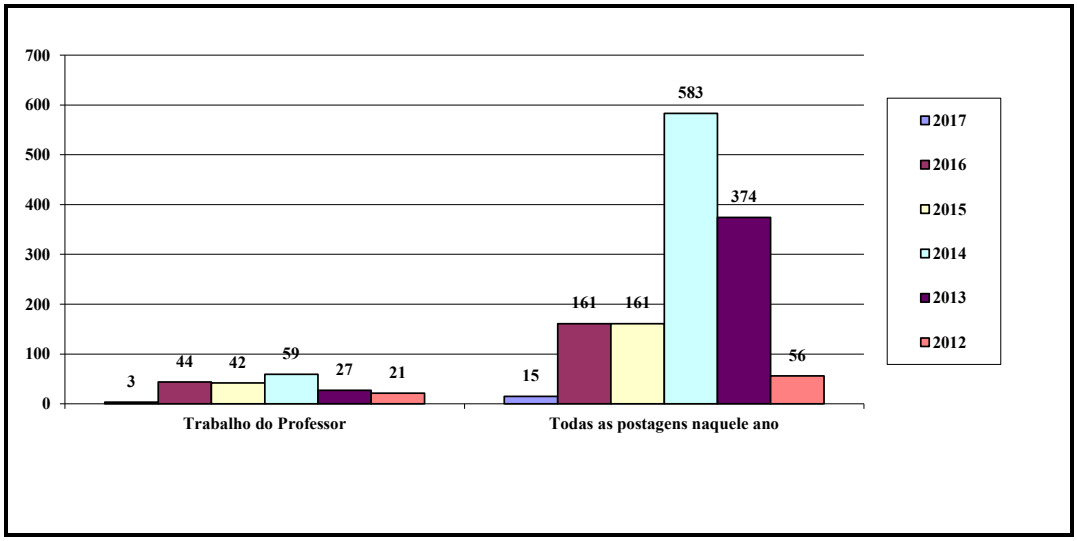
A *fanpage* selecionada para a pesquisa denomina-se "Profissão Professor". Foi fundada em fevereiro do ano de 2012, e está vinculada ao *Blog* "Atividade Educa", que apresenta algumas atividades de alfabetização.

As publicações envolvem temas da atualidade, em sua maioria voltados para o campo da educação. Essa página é de responsabilidade de um professor formado em Pedagogia no ano de 2010, tendo atuado na Educação de Jovens e Adultos, na Educação Infantil e Ensino Fundamental. O grande objetivo dessa *fanpage* é reunir professores, levando e transmitindo mensagens sobre a profissão e temas afins.

A escolha por essa *fanpage*, foi motivada pelo tempo que ela encontra-se ativa (5 anos) e também por ser classificada no âmbito do segmento da Educação, e por possuir um número em média de 774.588 mil curtidas.

A coleta de dados foi realizada através da observação das publicações, entre os anos de 2012 até o início de 2017. O gráfico 1 demonstra o número de publicações realizadas nos anos mencionados, e as postagens que foram direcionadas para a análise destinadas ao assunto pertinente à presente pesquisa.

Gráfico 1 – Postagens na página entre os anos de 2012 até 2017



Fonte: PEREIRA, 2017, p. 105.

O que foi possível perceber na *fanpage* é que os anos de 2012, 2013 e 2014 apresentaram um volume maior de publicações. A observação em 2017 foi feita bem no início, por esse motivo, o número de publicações foi pequeno. Esse ano assim com os dois anteriores vivenciou uma série de mudanças na Política e na Economia e isso, certamente, afetou a Educação. O fato de as redes sociais serem espaços para

expressar opiniões, sentimentos e ideias comprova uma das hipóteses de que ela fosse muito utilizada, pois desde que essas mudanças ocorreram, conforme demonstradas no gráfico, é possível verificar, que nas redes sociais, houve um significativo aumento de publicações que remetem a essas mudanças, assim como à educação.

A partir da observação dos termos mais repetidos nas imagens, percebe-se que 88 imagens apresentavam aspectos da precariedade e precarização do trabalho docente, e 108 imagens valorizavam e incentivavam o trabalho do professor. Como já mencionado optou-se por abordar a questão da precarização, analisando, portanto, 88 imagens. Ao final do levantamento foi realizada a pré-análise e exploração do material para, em seguida, realizar a categorização, das imagens.

5 Apresentação das categorias de análise

As categorias, segundo Campos (2004), podem ser caracterizadas como grandes enunciados que abarcam um número variável de temas, segundo seu grau de intimidade ou proximidade, e através de sua análise, podem exprimir significados e elaborações importantes que atendam aos objetivos de estudo e criem novos conhecimentos, proporcionando uma visão diferenciada sobre os temas propostos.

Diante do exposto, as categorias apresentadas são resultantes da análise das imagens e serão interpretadas a seguir, sendo que a primeira categoria apresenta a questão do desrespeito e desvalorização pela profissão, e posteriormente a saúde do professor, a remuneração e as condições de trabalho.

5.1 Desrespeito e desvalorização pela profissão

A escola é um espaço de socialização e aprendizagem, e oportuniza as relações baseadas no respeito mútuo. Porém, é perceptível que muitos casos em exposição na mídia demonstram manifestações de desrespeito e má qualidade nos relacionamentos, inclusive nesses espaços.

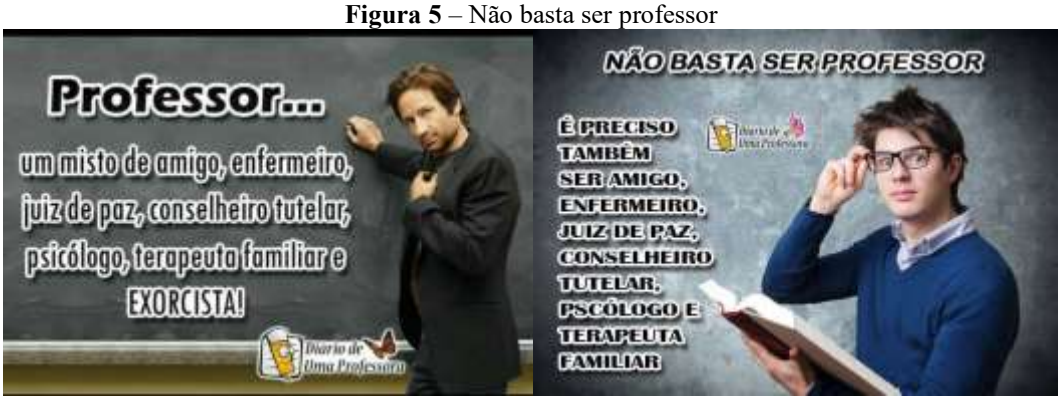
Para explicar esse problema buscou-se levantar algumas de suas causas. Melo (2015) considera que dentre os fatores que contribuem para a desvalorização desse profissional, estão: a formação, as condições de trabalho e a remuneração, as duas últimas aparecem nesse trabalho como categorias de análise. A autora salienta que o exercício da profissão exige uma carga horária extensa, além das atividades em sala de aula, esse profissional tem que dar conta das demandas extraclasse, correção de atividades, planejamento de aulas e reuniões com os segmentos da escola.

De acordo com Oliveira (2004) em especial na década de 1990, a educação brasileira demarcou uma nova realidade, a do imperativo da globalização, e nela, a educação passa por transformações nos seus objetivos, nas suas funções e na sua organização, na tentativa de adequar-se às demandas a ela apresentadas.

A educação nesse período tinha como premissa, a educação para equidade social, implicando modificações em toda sua estrutura. Essas mudanças exerceram interferências sobre as relações de trabalho dos profissionais da educação. Nessa esfera, segundo a autora, esses profissionais respondem às exigências que vão além de sua formação, sendo obrigados a desempenhar funções de agente público, assistente social, enfermeiros, psicólogos, entre outras, identificando-se um processo de desqualificação e desvalorização sofrido pelos professores (OLIVEIRA, 2004).

Essas imagens, extraídas por meio da observação das publicações na *fanpage* Profissão Professor, demonstram exatamente o que Oliveira (2004) expressou sobre as múltiplas exigências do profissional docente

Figura 5 – Não basta ser professor



Fonte: PEREIRA, 2017, p. 119

Outro aspecto sobre a desvalorização e desrespeito à profissão é que essas reformas retiraram desses profissionais a autonomia para participar da concepção e organização de seu trabalho. O trabalho docente não é definido mais apenas como atividade em sala de aula, ele agora compreende a gestão da escola no que se refere à dedicação dos professores ao planejamento, à elaboração de projetos, à discussão coletiva do currículo e da avaliação (OLIVEIRA, 2004).

Existe, ainda, o problema de como a profissão docente é vista pela sociedade. Gatti *et al.* (2009), em uma pesquisa sobre a atratividade da carreira docente, percebeu a questão da diminuição da procura, por parte dos jovens, pela profissão de professor e a mudança de perfil daqueles que escolhem essa como sua profissão. "As mudanças no mercado de trabalho, e a sua relação com a formação profissional exigida, e as representações sociais das profissões, associadas ao *status* e salário, são fatores que certamente influenciam a atratividade [...]." (GATTI *et al.*, 2009, p.10).

Gatti *et al.* (2009) quando trata sobre a representação dos alunos acerca de "ser professor" e o "trabalho do professor", observou que, dentre os aspectos negativos, os alunos consideram não possuir características pessoais necessárias ao exercício da docência, queixam-se sobre às condições sociais e financeiras associadas à profissão docente, a desvalorização da profissão e o desinteresse e desrespeito dos

alunos. Em relação aos fatores atrativos da docência, os mais enfatizados são: a possibilidade de ensinar e transmitir conhecimento, interesse por área específica, e a identificação profissional. Os alunos não enxergam a carreira como uma escolha de imediato profissional, uma vez que ela é uma alternativa no futuro, depois que eles já estiverem estabilizados, ou ainda, como uma atividade complementar de renda.

Ao serem questionados sobre a opinião das famílias e dos amigos sobre a escolha profissional fosse a de se tornar professor, identificou-se que, de modo geral, há a percepção da profissão docente como um trabalho pouco atraente, social e financeiramente desvalorizado. Para os alunos, os pais teriam dificuldades para aceitar a escolha do filho, caso sua opção fosse a docência, e isso aparece com mais força nos grupos de discussão das escolas particulares. A figura a seguir evidencia essa percepção apontada na pesquisa de Gatti *et al.* (2009).

Figura 6 – Atratividade da profissão do professor

Fonte: PEREIRA, 2017, p. 122.

A imagem explicita a reação de dois grupos, o primeiro comemora a escolha pela profissão de Médica, já o segundo grupo demonstra uma reação totalmente inversa pela escolha da profissão de Professor. Existe um contraste entre a alegria e a tristeza, a festa e a sensação de tristeza e desagrado.

É oportuno reforçar que essa percepção manifestada na imagem faz parte da representação do imaginário coletivo, ou seja, experiências e vivências pessoais que carregam significados comuns para uns ou para todas as pessoas que fazem parte dela. Antes de as pessoas serem profissionais, já foram alunos, então conviveram e conheceram professores, além disso, já viram matérias positivas e negativas sobre a profissão em diferentes veículos de informação. Dessa forma, essas representações acabam, muitas vezes, ultrapassando a realidade, adquirindo força e tornando-se símbolos de um grupo social

FIGURA 7 – Que notas são estas?

Fonte: PEREIRA, 2017, p. 125.

A figura 7 apresenta enfaticamente a diferença e as mudanças da imagem do professor diante da família e da sociedade ao longo do tempo. Demonstra a desvalorização social e profissional, assim como a culpabilização pelo fracasso do sistema escolar. A imagem representa duas cenas de situações conflitantes entre a família e o professor, que diagnostica a evolução de aprendizado ou não do aluno. Na primeira cena, com data em destaque, o ano de "1969" e a outra com o ano de "2012". Na imagem de 1969, a criança está em uma situação de constrangimento, com olhar baixo, braços e pernas curvados, olhar de medo e/ou vergonha. Os pais seguram um boletim e olham com sinal de reprovação para a criança. A professora está sentada de frente a uma mesa, sua imagem é altiva, segura e respeitada. A família reconhece sua posição, culpabiliza e questiona o aluno. A imagem de 2012 reflete as distorções das posições de respeito e culpa pelo insucesso do aluno ou da criança. Isso é percebido pelo sorriso e ar seguro, do aluno, e em contrapartida estampa na face do docente a angústia, opressão e desrespeito dos pais para com ela, que seguram o boletim e a olham com ar de questionamento, raiva e descontentamento diante das notas do filho. A professora, que se apresenta diferente, em tempos diferentes, em sua forma de se vestir, em sua postura e em seu comportamento, sem segurança, e diante de um fator que, certamente, considera o fato de que será difícil não ser culpabilizada e questionada em seu conhecimento e capacitação (principalmente se ela pertencer ao corpo docente de escola privada). As imagens trazem a mesma frase, "Que notas são estas?", mas com uma inversão na cobrança, na primeira ela é feita pelos pais à criança, já na segunda a cobrança é realizada pelos pais à professora.

Os professores são responsabilizados pelo fracasso dos alunos, no entanto, Abonizio (2012) explica que o professor desempenha diversas funções no exercício de seu trabalho, e é responsabilizado pelo desenvolvimento de habilidades e competências no discente e em seu preparo para o mercado de trabalho.

Afirma Gatti *et al*. (2009), que é urgente o desenvolvimento de políticas que tenham como prioridade não só a valorização do magistério, visando evitar o declínio da profissão docente, mas que as pessoas que optem pela docência sejam. de fato. assistidas na sua formação inicial e em seu desenvolvimento profissional. Para isso, ela propõe a reflexão de proposições para políticas públicas, a

primeira seria denominada dimensão cultural, relacionada à docência, que envolve as representações sociais presentes no imaginário brasileiro, e a outra, um conjunto de proposições referente às mudanças de ordem estrutural e institucional, que poderiam concorrer para o fortalecimento da consideração do professor como um profissional com um valor social ressaltado.

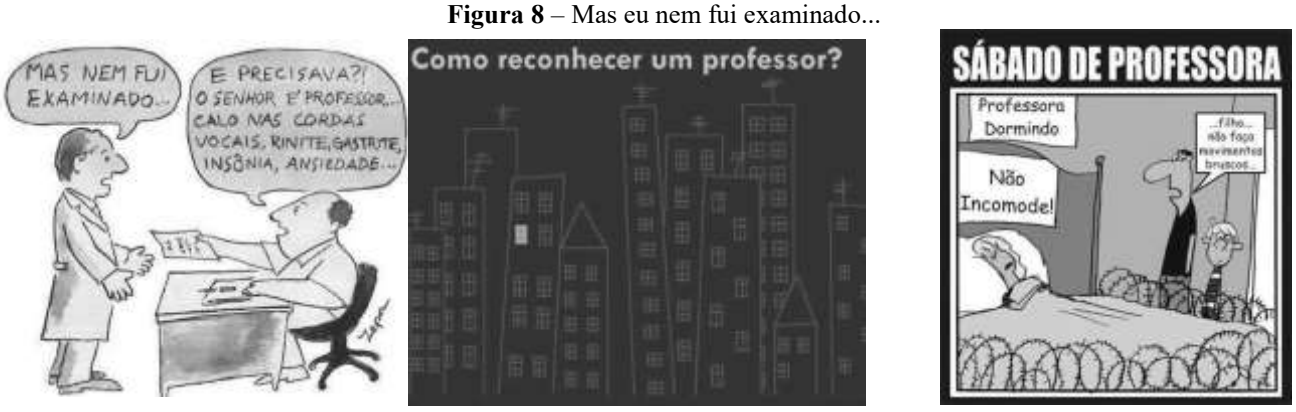
5.2 Saúde do professor

Os processos rígidos ou mesmo as imposições da organização do trabalho, bem como as condições de trabalho e as relações humanas estabelecidas nesse âmbito, podem vir a se constituir como fonte do sofrimento psíquico ou mesmo do adoecimento do trabalhador (PIOLLI, 2013).

Sobre a saúde e adoecimento de professores, Silva (2015) realizou uma pesquisa com professores universitários objetivando identificar e analisar diagnósticos prevalentes de problemas de saúde, com destaque aos relativos à saúde mental. Percebeu-se que o adoecimento e sofrimento envolvem dimensões afetivas, éticas e políticas e que o adoecimento nem sempre ocorre, em situações passíveis de serem facilmente percebidas e diagnosticadas. Outro aspecto por ele destacado é que o sofrimento psíquico tende a ser comum numa universidade marcada por relações competitivas e com frágeis possibilidades de laços solidários e/ou de reconhecimento do/no trabalho. Existe, ainda, um processo de individualização e solidão no local de trabalho, que é reflexo da ofensiva do capital sobre o trabalho, que provoca um desmonte dos sentimentos, de pertencimento e de coletividade.

“As mudanças ocorridas no mundo do trabalho nas últimas décadas resultaram na constituição de um exército de trabalhadores mutilados, lesionados, adoecidos física e mentalmente, muitos deles incapacitados de forma definitiva para o trabalho.” (ANTUNES; PRAUN, 2015, p. 423)

Figura 8 – Mas eu nem fui examinado...



Fonte: PEREIRA, 2017, p. 128.

Silva e Silva Junior (2010) analisaram as implicações da avaliação dos programas de pós-graduação em universidades públicas brasileiras. A maioria dos entrevistados afirmou continuar as tarefas universitárias em casa, com regularidade, ocupando muitas horas noturnas e finais de semana. Isso acontece

em função da pressão que são submetidos, pela constante e crescente avaliação dos programas de pós-graduação.

Sobre a educação básica, Oliveira e Silva (2015) realizaram uma pesquisa com docentes que lecionam em três escolas municipais da cidade de Diamantina/MG. Metade dos professores solicitou afastamento do trabalho por motivos de saúde, especialmente por diagnósticos de Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT), doenças cardiovasculares e psíquicas.

A saúde é um processo, uma construção social, e um ideal a ser perseguido que estaria inscrita dentro do que as pessoas podem fazer em determinadas condições sócio-institucionais. O destino do sofrimento do trabalhador tem centralidade na construção da identidade e da saúde (PIOLLI, 2013).

5.3 Remuneração

Na observação das imagens publicadas na *fanpage*, percebeu-se que uma grande parte mencionava a questão salarial do professor. As imagens trazem a questão da remuneração como um dos aspectos da precariedade na profissão docente. A remuneração dos professores como já mencionada encontra-se com um dos maiores desafios da política educacional.

Melo (2015) salienta a importância de comparar o ganho do professor com o de outro profissional de nível superior, e observa a defasagem que existe entre ambos. Ao retratar essa realidade, é preciso entender que, a medida não é necessariamente receber um valor muito acima, mas um pagamento justo, e tão somente o que já é pago por outras profissões que também exigem o nível superior.

Lourencetti (2014) explica que a remuneração é um aspecto fundamental em qualquer profissão, principalmente na sociedade capitalista. A maioria dos professores é forçada (por conta da baixa remuneração) a trabalhar em mais de uma escola, convivendo com a rotatividade e a itinerância.

Figura 9 – O incrível é que ainda existam professores tantos professores bons

Fonte: PEREIRA, 2017, p. 133.

Gatti e Barretto (2009, p. 247) salientam que os salários recebidos pelos professores não são tão compensadores, especialmente em relação às tarefas que lhes são atribuídas. Em especial, os docentes da

Educação Básica têm rendimento médio muito menor que as demais profissões consideradas para efeitos de comparação, mesmo levando-se em conta a diferença existente entre as horas trabalhadas.

Outro problema apontado por Barbosa (2012) é que além da dificuldade de não conseguir atrair profissionais mais qualificados para a docência, existe ainda a necessidade de reter aqueles que optam por esse caminho. Segundo a autora, existe o abandono da carreira pela busca por carreiras que sejam mais bem remuneradas e valorizadas, com maior reconhecimento e valorização social.

5.4 Condições de trabalho

Nesta categoria estão relacionadas as situações que esses profissionais vivenciam no interior das instituições, desde o desinteresse dos alunos, ao domínio em sala de aula, ocasionado, muitas vezes, pelo excesso de alunos. Nas imagens, ainda, aparecem problemas como a falta de autonomia, a responsabilização do professor pelos resultados e motivação dos alunos e o problema de ter que atuar em diferentes lugares, como forma de garantir condições de vida digna para si e sua família. Exigências profissionais, que vão desde o acúmulo de funções, adaptações às novas tecnologias, a obrigação de ser um profissional polivalente e viver imerso no excesso de trabalho. Ainda os casos de violência nas escolas, e violências contra o professor.

Figura 25 – Condições de trabalho – Responsabilização e cobranças

Fonte: PEREIRA, 2017, p. 135.

Para Vieira e Oliveira (2013, p. 133) “as condições de trabalho na educação compreendem tudo aquilo que é necessário para os sujeitos docentes desempenharem com sucesso e bem-estar o trabalho que lhes cabe”.

Gasparini, Barreto e Assunção (2005) explicam que as condições de trabalho nas escolas podem gerar sobre-esforço dos docentes na realização de suas tarefas. A segurança também é considerada como um dos elementos que afetam as condições de trabalho dos professores. De acordo com o Centro de Estudo e Pesquisas Educacionais (2014) 57% dos professores e 70% dos alunos consideram a escola violenta; 84% dos professores e 77% dos alunos tomaram conhecimento de casos de violência em suas escolas nos últimos anos; 44% dos professores e 28% dos alunos já sofreram algum tipo de violência em suas escolas.

Dados de uma pesquisa realizada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) com mais de 100 mil professores e diretores de escola do segundo ciclo do ensino fundamental e do ensino médio (alunos de 11 a 16 anos), ressalta que 12,5% dos professores ouvidos no Brasil já foram vítimas de agressões verbais ou de intimidação de alunos pelo menos uma vez por semana (PESQUISA..., 2014).

De acordo com Ramal (2014), o Brasil está em primeiro lugar no *ranking* de violência contra professores. A violência crescente contra os mestres é sinal de colapso iminente no sistema educacional.

5 Considerações Finais

O surgimento e desenvolvimento da tecnologia, a partir das revoluções industriais, e a habilidade das pessoas em dominá-las, provocaram mudanças significativas na realidade do mundo do trabalho. Novas formas de trabalho e arranjos organizacionais apresentaram como marcas a exigência pela qualificação do trabalhador polivalente, que executa multifunções, e a exploração da força de trabalho.

A tecnologia insere a capacidade de transformação das sociedades, porém em decorrência de toda a reestruturação produtiva e da automação nas empresas, ocorre a diminuição de postos de trabalho, a intensificação nas atividades e a flexibilização nas formas contratuais de trabalho.

O desenvolvimento tecnológico avança e, novamente, altera a nova dinâmica social, fundamentada nas interações pessoais, em grande velocidade e fluidez das informações. Nessa esfera surge o ciberespaço, espaço esse, de manipulação e nova mercadoria, a informação, que seduz e reproduz as desigualdades, acentuando as diferenças entre os donos do capital e os trabalhadores. O uso das redes sociais faz parte do dia a dia, é um hábito rotineiro na vida das pessoas, para olhar o que foi publicado, comentar uma foto, compartilhar pensamentos, imagens e notícias. As pessoas buscam nesse espaço, e cada dia mais, uma forma de existir, de expressar a realidade (ou não), de serem vistas, de observar sem se envolver (ou não), etc. A Informação tornou-se uma mercadoria rentável e através das redes sociais chega facilmente e rapidamente a todos, independentemente da forma e do lugar, popularizando e se fazendo necessária.

Em meio a esse cenário encontra-se o professor, tendo sua profissão desvalorizada, sua remuneração muito abaixo de atender suas necessidades profissionais (busca de atualização e novas experiências) e as necessidades pessoais.

A desvalorização da educação e dos professores são fatos comuns nesse universo do instantâneo e do fugaz. As pesquisas sobre a realidade do professor colocam em evidência o que foi encontrado nas imagens captadas e que foi objeto dessa pesquisa e análise, elas são um esboço da realidade exposta em todos os níveis da educação.

Notou-se que dentre esses aspectos os mais frequentes são o desrespeito e desvalorização, a remuneração, a saúde do professor e as condições de trabalho manifestadas pelo excesso de trabalho, de alunos por sala, de exigências e condições de trabalho insuficientes.

No que tange ao desrespeito e desvalorização pela profissão, percebeu-se nas imagens que esses profissionais são obrigados a responder por exigências que vão além de sua formação, sofrem cobranças e são responsabilizados pelo desempenho de seus alunos e por seu fracasso. Assumem ainda a grande responsabilidade de prepará-los para atender às necessidades do mercado. Esse desprestígio afeta as relações entre professores, discentes, pais e muitas relações não são permeadas pelo respeito e pela cooperação.

Os professores sofrem, ainda, com a perda de autonomia, mesmo possuindo capacidade intelectual para discernir sobre métodos, avaliações e planejamentos, são submetidos ao controle e não participam da concepção e organização de seu trabalho. A perda da autonomia o coloca como mero executor de tarefas e há, portanto, um distanciamento do trabalhador com o fruto de seu próprio trabalho.

Nesse sentido, os efeitos dessa situação resultam mudanças na forma como enxergam a profissão e o seu trabalho, sendo o sentimento de frustação e de baixa autoestima presentes em seus dias.

Para agravar a situação, mesmo diante de muitos entraves, idas e vindas, as mudanças na legislação trabalhista foram aprovadas, expondo ainda mais a precarização do trabalho, em especial pelo aumento da jornada de trabalho, pela nova forma de tratamento dos acordos e quanto às modalidades de contratação, etc.

O aumento da jornada expõe nitidamente os interesses do governo e dos donos do capital, que ao invés de gerar mais oportunidades de emprego, obrigam o funcionário a se dedicar mais horas no trabalho, o que ocasionará profissionais desgastados, aumento de fadiga e distanciamento das atividades sociais, essenciais para todos os seres humanos.

O enfraquecimento dos Sindicatos, responsáveis historicamente pelas lutas em relação aos direitos dos trabalhadores, exalta o interesse da elite de deixar o trabalhador mais vulnerável, e as relações entre trabalhadores e os donos do capital (patrões) mais desiguais, além de manifestar a evidente perda dos direitos historicamente batalhados e conquistados.

É bem provável que novas imagens apareçam para repercutir essas velhas e novas formas de precarização, e sirvam para propor outras formas de análise dos problemas políticos, econômicos e sociais presentes na sociedade.

A profissão clama por um sentido de valorização, em função da crescente desqualificação e fragmentação de seu trabalho que concorram para o fortalecimento da consideração do professor como um profissional com um valor social ressaltado.

Referências

ABRUCIO, Fernando Luiz (coordenação). **Formação de professores no Brasil:** diagnóstico, agenda de políticas e estratégias para a mudança. São Paulo: Moderna, 2016.

BENASSULY, Jussara Sampaio. A formação do professor reflexivo e inventivo. In: LINHARES, Celia; LEAL, Maria Cristina (Orgs.). **Formação de professores:** uma crítica à razão e à política hegemônicas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 185-195.

BRASIL, Ministério da Educação. Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>2015. Acesso em: 2 jan. 2019.

BRASIL. Lei n.º 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm Acesso em: 10 jan. 2019.

BRASIL. Lei n.º 12.772, de 28 de dezembro de 2012. Dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12772.htm Acesso em: 15 jan. 2019.

BRASIL. Lei n.º 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm Acesso em: 12 jan. 2019.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm Acesso em: 10 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Permanente para Reconhecimento de Saberes e Competências. Resolução n.º 1, de 20 de fevereiro de 2014. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, n.º 37, p. 29, 21 de fev. 2014. Disponível em: http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=29&data=21/02/2014 Acesso em: 7 jan. 2019.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o Saber, Formação dos Professores e Globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FÁVERO, Altair Alberto; PAGLIARIN, Lidiane Limana Puiati.; TREVISOL, Marcio Giusti. Diretrizes curriculares nacionais para a formação continuada dos professores da educação básica: análise comparada dos Planos Estaduais de Educação do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. **Perspectiva** (UFSC), Florianópolis, Volume 38, n. 1 – p. 01 – 18, jan./mar. 2020 –, p. 1-18. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2020.e64868/pdf Acesso em: 30 mar. 2020.

IFTO, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins. **Regulamento Interno de Reconhecimento de Saberes e Competências – RSC**. Palmas: 2014. Disponível em: http://portal.ifto.edu.br/ifto/colegiados/consup/documentos-aprovados/regulamentos/cppd/regulamento-interno-de-rsc_-novo-_-com-alteracoes-da-cprsc.pdf/view Acesso em: 7 jan. 2019.

IFTO, Instituto Federal do Tocantins. **Regimento Geral do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins**. Palmas, TO: 2018. Disponível em: http://www.ifto.edu.br/ifto/colegiados/consup/documentos-aprovados/regimentos/regimento-geral-do-ifto/regimento-geral-ifto-1.pdf/view Acesso em: 10 jan. 2019.

IFTO, Instituto Federal do Tocantins. **Plano de Desenvolvimento Institucional** – *PDI*: 2015-2019. Palmas, TO: 2015. Disponível em: http://portal.ifto.edu.br/ifto/colegiados/consup/documentos-aprovados/pdi/plano-de-desenvolvimento-institucional-2015-2019.pdf/view Acesso em: 8 jan. 2019.

IMBERNÓN, Francisco. **Qualidade do ensino e formação do professorado**: uma mudança necessária. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. 10. ed. ver. e ampl. São Paulo: Cortez, 2012.

LOPES; Quenízia Vieira; LOPES, Kênya Maria Vieira. O Instituto Federal do Tocantins e o desafio de formar professores. In: LOPES, K. M.V; TELES, M. M; PATRÍCIO, P. C. de S. (Orgs). **Estágio Supervisionado em Computação**: reflexões e relatos. Curitiba: Appris, 2016.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa: Educa, 2002.

NÓVOA, António. Um alfabeto da formação de professores. In: **Crítica Educativa** (Sorocaba/SP), v. 3, n. 2 - Especial, p. 21-49, jan./jun.2017

SOARES, Sandra Regina; CUNHA, Maria Isabel. **Formação do professor:** a docência universitária em busca de legitimidade. Salvador: EDUFBA, 2010. Disponível em: http://books.scielo.org/id/cb. Acesso em: 7 jan. 2019.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.